

ANÁLISE DO LIVRO “DO OUTRO LADO DO ESPELHO”

Ao lermos um livro novo sempre surgem questionamentos, para os quais buscamos respostas, que deverão ser claras para nós, antes de as “passarmos para frente”, principalmente se estamos na condição de expositor, evangelizador ou de escritor. Atualmente, nota-se uma onda avassaladora de novas obras, algumas até atraentes pelas novidades, mas que postulam leitura atenta e análise criteriosa, a fim de que os malefícios de um deslumbramento inoperante não nos atinjam.

O livro em pauta, de autoria atribuída ao Dr. Inácio Ferreira, psicografia de Carlos A. Baccelli, mostra um Espírito muito diferente do Dr. Inácio Ferreira retratado por Manoel Philomeno de Miranda, na obra “Tormentos da Obsessão”, psicografada por Divaldo Pereira Franco. Nesta obra, fica-se sabendo que o ilustre clínico é responsável por um pavilhão da grande instituição hospitalar fundada por Eurípedes Barsanulfo, onde são tratados, amorosa e respeitosamente, médiuns que falharam no desempenho de suas missões. Causa estranheza, na obra ora sob análise, o ilustre clínico apresentar-se como personagem controversa, que se ufana de sua rudeza, cuja tônica, nesta e em outras obras, é atacar os espíritas e, mais particularmente, os médiuns, usando uma linguagem, no mínimo, vulgar.

Reparto com meus irmãos as minhas dúvidas, sem levá-las á imprensa, por julgar não ser, pelo menos por enquanto, produtiva tal atitude. Os trechos em **negrito** foram transcritos *ipsis verbis* da obra citada; os números entre parênteses se referem, às páginas:

Os ataques aos espíritas são freqüentes:

– **O espírita tem a mania de se julgar sempre com a verdade.** (16)

Em conversa com Maria Modesto Cravo – com quem trabalhara em reuniões mediúnicas quando encarnados – e com outro Espírito, fica sabendo que eles visitam regularmente o Sanatório que ele dirigira até a desencarnação:

– **Sim, de quando em quando, aparecemos por lá, não com a freqüência com que nos reclamam a presença, mas aparecemos...**

– **Até você já apareceu, Inácio, depois de morto...**

– **Como?! Eu não tenho nenhuma lembrança... Estou-me sentindo até impossibilitado de caminhar por aqui...**

– **Pois é, com menos de um mês de desencarnado, ao que bem estamos sabendo, você já estava dando comunicação... (...)**

– **Todavia, como é possível um espírito dar comunicação sem o saber? Questionei estupefato. (...)**

– **Os amigos reunidos evocaram a sua presença...**

– **E eu compareci sem o saber?**

– **Não, com você não foi assim. A mente do médium *rastreou* o seu psiquismo...**

– **Às vezes, quando o espírito não vai ao médium, o médium pode ir ao espírito, Doutor – sintetizou Manoel Roberto.**

– **De certo modo, embora tivesse deixado o corpo, o seu psiquismo *pairava* no ambiente do Sanatório...**

– **E o médium conseguiu expressar com clareza o meu pensamento?**

– **Em linhas gerais, sim. Digamos que, no específico, não..**

– **O que foi que eu falei?**

– **Fez algumas recomendações evangélicas, agradeceu... (32 / 34)**

Onde, afinal de contas, se encontrava o Espírito Inácio Ferreira naqueles trinta dias? Como seria possível estar alojado no Plano Espiritual que o acolheu e dar comunicações sem o saber? Seria compreensível que o médium, desdobrado, pudesse tê-lo entrevistado no Mundo Espiritual, o que é muito diferente de *o seu psiquismo que pairava no Sanatório* dar uma comunicação... O Autor faz confusão entre psicometria e psicofonia / psicografia. Através destas, o Espírito pode transmitir uma mensagem atual; através daquela, só é possível a captação de cenas já vividas no passado.

Vê-se claramente: ou o total desconhecimento do assunto ou o desejo de confundir, de desacreditar a mediunidade. Afinal o que quer dizer: *o seu psiquismo pairava no Sanatório*? Nota-se um perigoso incentivo para o surgimento de médiuns “rastreadores”, cujas mensagens seriam o fruto de captações de remanescentes fluidicos em determinados ambientes. Isso mais parece ficção, uma espécie de captação de

imagens e sons através dos tempos. Não será estranho se aparecerem “médiums” captando o psiquismo de Kardec, vez que na obra não foi definido um tempo de permanência desse “psiquismo pairante”...

Ao ser convidado a participar de uma reunião mediúnica no Sanatório de Uberaba, onde, quando encarnado, fora diretor, responde:

– **Para quê? Só se for para xingá-los... (Por favor sr. Médiun e sr. Revisor, não me queiram tolher a liberdade de dizer o que penso, da maneira que penso.) Aliás, para que saibam que sou eu, basta mesmo que eu abra a boca ou... que acenda um cigarro. Vou dizer a vocês o que penso: Os meus gatos, que ainda sobrevivem no Sanatório, apesar da vontade de alguns de expurgá-los, serão melhores intérpretes meus do que os médiums que andam por lá... (...) Os médiums não querem estudar, não querem disciplina... Ficam parados ao redor da mesa feito uns robôs; nem pensar eles pensam; esvaziam a mente de idéias, esperando que os espíritos façam tudo... Isto não é mediunidade, se o pobre do morto pudesse fazer tudo sozinho, os médiums seriam meras figuras decorativas. E, depois, mentem: dizem que são inconscientes, que não se lembram de nada. (158 / 159)**

Continuando seus ataques aos médiums do grupo que dirigiu, no Sanatório:

– **O médium me acolhe, me agasalha, abre a boca e só *deixa passar* o que não conflita com os seus pensamentos. Sendo assim, o que vou fazer lá? Passar raiva? Passar raiva, eu passava na condição de doutrinador, de dirigente dos trabalhos mediúnicos do Sanatório, que fui por mais de cinquenta anos... (159 / 160)**

Se o grupo mediúnico era tão ruim, como pôde tolerá-lo durante cinquenta anos? Note-se que ele ainda não retornara àquele grupo depois de desencarnado, logo essas impressões ele já as tinha antes de desencarnar:

– **Nós, os consideramos mortos, em matéria de mediunidade temos que nos contentar com percentagem: 30% nossos, 70% do médium... Quando, pelo menos, são 50% para cada lado, vá lá... Raro o médium que nos permite o empate. Isso sem falarmos nos médiums que vivem colocando palavras inteiramente suas em nossos lábios: é um tal de termos dito, sem termos dito nada... (...) Os médiums hoje querem improvisar... Quanta mistificação!... (160)**

Mas a crítica aos médiums não se restringe apenas àquele grupo. É generalizada:

– **O cenário vocês já conhecem, de uma reunião mediúnica: médiums chegando em cima da hora, com justificativas vazias: “estava com visita em casa”, “choveu na hora de sair”, “desarranjo intestinal”, “o telefone tocou”...**

– **Apenas dois espíritos, dos muitos que estão no recinto, lograram dar o ar da graça naquela noite, através da medianeira anônima: um que havia cometido o suicídio, e eu, que, se pudesse, estrangularia alguém. (161)**

Mais adiante, lembrando-se de que seu livro estava sendo escrito através de um médium, tenta isolá-lo do ataque generalizado que vinha fazendo:

– **A rigor, não posso me queixar. (...) Escrevendo agora sob a ação desta crise de seriedade que não sei de onde me veio, digo-lhes que quase todos os comunicados mediúnicos atribuídos a mim são autênticos. (166)**

Em meio os comentários sobre mediunidade e médiums, são inseridas essas declarações do Irmão José, a quem chama *Benfeitor*, transcritas sem qualquer comentário, logo inteiramente endossadas pelo Autor Espiritual:

(...) Não devemos culpar a Igreja pelos rumos que imprimiu ao Cristianismo; sitiada espiritualmente, não raro se viu na contingência de ter que ceder a pressões para sobreviver. Não condenamos a instituição que, durante séculos, foi a guardiã dos princípios que nos são caros. Os homens é que, dominados por interesses estranhos, a desfiguraram. (179)

Ao dizer que a Igreja não pode ser responsabilizada “pelos rumos que imprimiu ao Cristianismo”, o autor da declaração quer imputar a responsabilidade aos “homens que, dominados por interesses estranhos, a desfiguraram”. Quem são esses homens, se não membros da própria Igreja? Ou será que o autor está querendo definir a Igreja como entidade “fundada por Jesus” e independente dos homens? É fato notório que as pequenas comunidades cristãs dos primeiros tempos foram rudemente perseguidas. Mas, ainda no decorrer dos primeiros séculos, homens ávidos de poder, arrogando-se a condição de depositários absolutos da Mensagem Cristã, constituíram a Igreja. A partir daí, essa entidade, através dos homens que a compunham, passou a desfigurar a Mensagem Cristã, não tendo nunca cedido a pressão de qualquer natureza. Pelo contrário, ela é que pressionou, aterrorizou, perseguiu, encarcerou, torturou e executou muitos daqueles que se opunham à sua sede insaciável de domínio.

Outra afirmativa que causa espécie: “a instituição que, durante séculos, foi a guardiã dos princípios que nos são caros”. Que guardiã foi essa que, de posse das Escrituras, fez-lhes modificações e adaptações, de acordo com seus interesses? Foi a Igreja que criou o profissionalismo religioso entre os cristãos, a Santíssima Trindade, as indulgências, os rituais, as liturgias, os decretos de beatificação e santificação, os sacramentos, os ofícios religiosos pagos, a confissão auricular, os ídolos, o Purgatório, o Inferno de penas eternas e, acima de tudo, a Inquisição.

Como é que se publica uma defesa dessas numa obra que pretende ser espírita, se a Igreja, sem necessidade nenhuma de “sobreviver”, já toda consolidada e poderosa, perseguiu duramente o Judaísmo, o Protestantismo e o Espiritismo o quanto pôde?

Depois de defender a Igreja, o Irmão José, a título de defender o Espiritismo, centraliza, também ele, seu ataque contra a quase totalidade dos médiuns:

– (...) **Se não vigiarmos o suficiente, a Doutrina Espírita, que se propõe reviver o Evangelho, se desviará de suas finalidades; infelizmente, os prenúncios já aí estão... Pretensão à infalibilidade, elitismo, personalismo; isso tudo, sem mencionarmos o que se vem fazendo através da mediunidade – o canal que, na maioria dos medianeiros, é ocupado por entidades contrárias ao movimento de libertação de consciências que o Espiritismo propõe. Imperceptivelmente, os médiuns vêm sendo hipnotizados por espíritos que os dominam e que lhes inoculam n’alma o *virus* da ambição desmedida. Difícil nos depararmos com quem não esteja a serviço de si mesmo na Causa que abraçamos!...** (180)

Depois desse infeliz comentário, relembra ao Dr. Inácio a reencarnação de Torquemada, relatada no livro anterior “Sob as Cinzas do Tempo”, onde é revelado que esse Espírito, habitando um corpo disforme, foi resgatado pelos antigos perseguidores, depois de ter sido, no próprio berço, seu corpo engolido por uma sucuri, conduzida por esses inimigos...

– **Foi uma pena!... Tanto esforço do mundo espiritual para nada. Ele já estava no corpo, no entanto foi descoberto pelos antigos comparsas... Não podemos mais saber o paradeiro do seu espírito..** (181)

Aqui cabe uma pergunta: como é que um Espírito que recebeu uma nova oportunidade de redenção, através de uma encarnação, pode, ainda na infância, no próprio berço, portanto sem ter praticado nenhum ato que comprometesse a oportunidade recebida, ser novamente arrebatado pelos antigos algozes? No livro “Libertação”, André Luiz, ao manifestar sua estranheza por não ver crianças naquela comunidade situada nas trevas, recebe a seguinte elucidação do Benfeitor Gúbio: *Se a compaixão humana separa as crianças dos criminosos definidos, que dizer do carinho com que a compaixão celestial vela pelos infantes?* Libertação, cap. IV)

O Irmão José continua explicando que Torquemada, depois de seqüestrado pelas trevas, retomou a condição de adulto e foi amarrado a um poste de flagelação, ficando a queimar como se estivesse numa fornalha ardente...

– **Mas o Inferno existe? – perguntei intrigado.**

– **Sim, só que não é criação de Deus – respondeu o Irmão José, deixando-me aparvalhado.**

– **O Inferno, em essência, está na consciência culpada, todavia, por vezes, ele também se exterioriza...**

– **Localiza-se em alguma parte?...**

– **Como não?**

– **E Satanás – inquiri – existirá também? (181 / 182)**

Será que o espírita, Dr. Inácio Ferreira, esqueceu-se da Doutrina só porque desencarnou, e agora faz essas perguntas infantis? Entretanto, seu tom não é tão infantil quando se refere aos espíritas:

– **Digo-lhe, sem receio de estar errando: a esmagadora maioria dos espíritas são entidades que delinqüiram. Agora, na condição de espírito livre, eu posso enxergá-los melhor por baixo da *batina*, ops!, por debaixo das vestes... Vejo antigos bispos e cardeais ocupando posições de destaque no Espiritismo, perdidos à procura de uma hierarquia que, graças a Deus, não mais existe. Quando ainda têm oportunidade de liderar, demonstram um ranço religioso que trazem consigo desde muitas eras e mentem, continuando a agir hipocritamente.** (199)

Ao preparar uma caravana para o resgate de Torquemada, algo digno de integrar bom filme de ficção, relata instruções recebidas de outro Espírito:

– **Vocês necessitarão de muita cautela. É possível que os líderes dos “dragões”, a esta altura, já saibam; eles têm como rastrear os nossos pensamentos... Possuem sensitivos a seus serviços – entidades que são verdadeiras antenas psíquicas; muitos deles têm a capacidade de deixar o pesado corpo espiritual e vir a nós, em estranho processo de espionagem.**

– **Mas isto é possível? Pode o inferior subir ao superior?**

– **Quem lhe disse, Inácio, que somos superiores? A questão não é de moralidade, mas de intelectualidade. Se, segundo as Escrituras Sagradas, o Demônio teve acesso a Jesus para tentá-lo... (204 / 205)**

Agora são as Trevas que *rastreiam* a Luz! Deixando de lado a questão do Demônio, o argumento é, também, absurdo, pois parece que o Espírito admite o episódio da tentação como verdade. Além do mais, fica parecendo que o Demônio teria mais intelectualidade do que Jesus!!!

No deslocamento da caravana que visava à libertação de Torquemada, O Dr. Inácio dialoga com um espírito, um *duende*, como é chamado na obra, que diz chamar-se Labelius.

– **Quantos vocês são, por aqui?**

– **Somos mais ou menos cinqüenta!... Não nos proliferamos tanto.**

– **Mas... nascem crianças entre vocês?...**

– **Não somos diferentes das flores e dos pássaros...Por que não nos reproduziríamos, se uma simples semente se reproduz? Vejo que continuam não sabendo tanto da vida... (241 / 242)**

Segundo se entende, trata-se de Espíritos que não atingiram, ainda, a humanização. É digno de nota o raciocínio claro e lógico do tal Labelius... E o fato de proliferarem, nascerem crianças no Mundo Espiritual?!!!

– **Você já se reencarnou alguma vez?**

– **Na espécie humana, uma única vez – respondeu.**

– **Somos como vocês, os humanos; uns mais, outros menos dotados de inteligência; estamos mais próximos do *mundo natural* do que do *mundo racional*... Somos um povo, uma raça com características definidas.**

– **Mas, se você reencarnou como homem e voltou a ser duende, houve um retrocesso...**

– **Jesus Cristo teria se degradado por ter vivido na Terra, descendo das Esferas Luminescentes que habita? – argumentou com lógica e surpreendentes noções. (244 / 245)**

Um Espírito, depois de encarnar como ser humano, voltaria à condição de humanóide? Pela leitura do texto, verifica-se que esse humanóide tem capacidade para avaliar os homens, entre os quais diz ter estado encarnado, tendo sido compelido a voltar àquela condição sub-humana. Como conciliar isso com item 612 de “O Livro dos Espíritos”?

No seu raciocínio, esse humanóide faz uma comparação equivocada com a encarnação de Jesus, que veio à Terra no cumprimento de uma missão. Labelius simplesmente teria retornado à condição anterior. O Autor não percebeu a incoerência, o aspecto anti-doutrinário do assunto, pois ao relatá-lo, sem ressalvas, demonstra concordar plenamente com o que foi dito. Tal posicionamento se contrapõe frontalmente à Doutrina Espírita. Além do mais, tendo-se em vista a natureza eminentemente educadora do Espiritismo, entende-se que, numa obra espírita, quando há o relato de uma atitude equivocada, aterrorizante ou menos edificante, deve haver um comentário que mostre claramente o seu aspecto negativo, a fim de que a gravidade das cenas ou dos acontecimentos não seja minimizada, deixando passar ao leitor menos esclarecido a idéia de que se trata de algo mais ou menos natural.

Há muitos outros pontos anti-doutrinários na obra, mas seria por demais longa a tarefa de examiná-los todos.

José Passini

Juiz de Fora

passinijose@yahoo.com.br